



O SENTIDO RELIGIOSO: O FACTO MAIS IMPONENTE DA HISTÓRIA DO HOMEM

Apontamentos da apresentação d'*O sentido religioso*
com Irene Elisei, Javier Prades e Davide Prosperì

Milão, Teatro Dal Verme, 2 de maio 2023 e por videoconferência de Itália e do mundo



O SENTIDO RELIGIOSO: O FACTO MAIS IMPONENTE DA HISTÓRIA DO HOMEM

Apontamentos da apresentação d'*O sentido religioso* com Irene Elisei, Javier Prades e Davide Prospero

Milão, Teatro Dal Verme, 2 de maio 2023
e por videoconferência de Itália e do mundo

Davide Prospero

Boa noite a todos, bem-vindos. Cumprimento e agradeço a todos os presentes aqui no Teatro Dal Verme de Milão, e a todas as pessoas ligadas em Itália e no estrangeiro. Sei, pelos nossos amigos que se encontram nos vários locais onde foram estabelecidas as ligações, que várias personalidades da Igreja e da sociedade civil participam neste encontro, bem como muitas pessoas que não pertencem ao movimento de Comunhão e Libertação: agradeço-vos pela vossa presença e espero que esta seja mais uma oportunidade para nos conhecerem melhor. Acabámos de ouvir *don* Giussani introduzir assim o tema do sentido religioso: «Não se trata apenas de um facto, de um acontecimento, mas do facto mais imponente e mais inextirpável da história do homem» (Episódio 1 do podcast *O sentido religioso*; min 5:13). O áudio foi retirado do podcast produzido pela Choramedia e disponível online, que percorre todos os conteúdos do livro *O sentido religioso*, pela primeira vez com a viva-voz de *don* Giussani.

Logo neste excerto que ouvimos, ainda que breve, se percebe muito bem – julgo eu – a intensidade com que *don* Giussani introduzia, sobretudo os jovens, mas quem quer que encontrasse, ao tema do sentido religioso, a paixão vibrante com que nos convidava a levar a sério, com a nossa razão e com toda a nossa humanidade, aquele desejo de sentido, aquela tensão para o infinito que todos os homens experimentam e encontram em si. Por outro lado, foi pre-

cisamente esta sua convicção que alimentou, desde sempre, o seu incansável envolvimento na educação dos jovens. Relembramos uma célebre frase sua, relatada no livro *Porta la speranza*: «Nós sufocamos os jovens, se pretendermos deles um entusiasmo pelas coisas limitadas» (*Porta la speranza*, Marietti 1820, Génova 1997, p. 68). Para *don* Giussani, é limitada toda a proposta que não pretenda abrir o olhar, introduzir a uma experiência de significado total para a existência.

Como muitos de vocês já saberão, *don* Giussani deu forma aos conteúdos daquelas aulas, bem como às que tinha dado no Liceu Berchet de Milão, e depois na Universidade Católica, na edição de 1986 do livro *O sentido religioso*, o livro mais conhecido de *don* Giussani e o mais traduzido no mundo.

Acaba de ficar disponível uma nova edição deste livro, editada pela Bur. Aproveito a ocasião para agradecer à Rizzoli e ao grupo Mondadori – cujos ilustres representantes se encontram aqui presentes – pela sua fundamental e profícua colaboração que, há muitos anos, caracteriza as nossas iniciativas editoriais.

Decidiu-se fazer esta nova edição porque as comunidades de Comunhão e Libertação em Itália e no mundo voltarão a utilizar este texto nos momentos de Escola de Comunidade. No final do encontro, tomarei a liberdade de vos tomar alguns minutos para explicar melhor do que se trata, dado que é um gesto aberto a quem quer que deseje aprofundar estes temas, e não apenas para os membros de CL.



Voltando ao livro, a sua reedição deu-nos a oportunidade de o enriquecermos como um novo *Prefácio*. Trata-se duma intervenção que, em 1998, fez o então arcebispo de Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio, num encontro de apresentação d' *O sentido religioso* em língua espanhola. Agradeço mais uma vez ao Santo Padre por nos ter dado o seu consentimento para voltarmos a utilizar esta sua reflexão.

É verdadeiramente impressionante a atualidade das suas palavras. Com efeito, dizia: «*O sentido religioso* não é um livro de uso exclusivo daqueles que fazem parte do movimento; nem é só para os cristãos ou para os crentes. É um livro para todos os homens que levam a sério a sua humanidade. Ouso dizer que, hoje em dia, a questão maior que temos de enfrentar não é tanto o problema de Deus – a existência de Deus, o conhecimento de Deus –, mas o problema do homem, o conhecimento do homem e o encontrar no próprio homem a marca que Deus lhe deixou para que possa encontrar-se com Ele» (*Il senso religioso*, Bur, Milão 2023, p. VI).

Foi também como reação a este texto do futuro Papa Francisco que pensámos em organizar o evento desta noite: uma apresentação pública, logo, aberta a todos, de um livro que consideramos ser uma atualíssima e fascinante provocação ao homem de hoje.

Para aprofundar e tornar concreto este aspeto, convidámos o padre Javier Prades, reitor da Universidade eclesiástica “San Dámaso”, de Madrid, e professor de Teologia dogmática. O nosso sincero agradeci-

mento pela sua disponibilidade. Agradeço também à jornalista Irene Elisei, a quem pedimos para conduzir o diálogo desta noite.

Obrigado, e passo-vos a palavra.

Irene Elisei

Boa-noite a todos, agradeço ao Davide Prospero, presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação.

«O critério objetivo [...] dessa experiência elementar de que todas as mães dotam – do mesmo modo – os filhos [...]: a exigência da bondade, da justiça, da verdade, da felicidade, constitui o rosto último, a energia profunda com que os homens de todos os tempos e de todas as raças se aproximam de tudo [...]. Nós lemos com emoção frases criadas há milhares de anos pelos antigos poetas com uma impressão de apelo ao nosso presente, como nem sempre sucede nas relações quotidianas. [...] Porque é isto possível? Porque esta experiência elementar, [...] é substancialmente igual em todos, mesmo se depois vier a ser determinada, traduzida, realizada de maneiras muito diferentes, e até, na aparência, opostas» (*O sentido religioso*, Tenacitas, Coimbra 2022, p.30).

Quis partir destas linhas que *don* Giussani escreve logo nas primeiras páginas d' *O sentido religioso*, ainda que não sejam, muito provavelmente, as mais conhecidas ou as mais citadas, porque nos permitem partir todos do mesmo ponto, porque nos remetem

para qualquer coisa que podemos todos ter vivido, ainda que tenha sido apenas uma vez nos anos de escola, quando fomos especialmente tocados pelo verso duma poesia, pelo título de um livro, ao ouvir um excerto de música clássica ou a estrofe de uma canção. Não é por acaso que *O sentido religioso* de don Giussani é riquíssimo em citações. Um dos autores que ele cita mais vezes é Giacomo Leopardi e impressionou-me imenso (impressiona sempre que a lemos) uma poesia sua a que se refere, escrita há quase duzentos anos, o *Canto noturno de um pastor errante da Ásia*. Giussani retoma estas linhas do pastor que se interroga: «E quando as estrelas vejo arder no céu,/ digo entre mim, pensando:/ para quê tantas luzes?/ O que faz o espaço infinito e o profundo/ céu sereno? Que significa esta/ solidão imensa? E eu que sou?» («Canto noturno...», XXIII, vv. 84-89). São estas as perguntas existenciais, é esta a marca do sentido religioso. Mas – ouvimo-lo há poucos minutos pela sua própria voz – don Giussani fala do sentido religioso como de «um facto», ao passo que, habitualmente, o entendemos muitas vezes como uma questão de sensibilidade (quanto mais ou menos sensível eu sou, mais ou menos me coloco determinadas questões).

Ajudas-nos a perceber o que entende don Giussani por «um facto» quando fala de sentido religioso?

Javier Prades

Boa noite, Irene, boa noite a todos. Queria começar por agradecer ao Davide Prospero pelo convite que me fez para o diálogo de hoje sobre este livro excepcional de don Giussani.

Acabámos de o ouvir: o sentido religioso é um fenómeno objetivo, é um facto real, é uma realidade, não é uma ideia, não é um sentimento. Depois acrescenta: «É o facto mais imponente da história do homem». Porquê? A resposta completa, iremos encontrá-la à medida que formos lendo o livro juntos. Mas podemos desde já chamar a atenção para outra passagem de don Giussani: «Chamamos “sentido religioso”

ao “coração” do homem: a sede de verdade e de felicidade é votada ao bem último, ao significado total, que excede as nossas capacidades de imaginação e de definição. E que também é a razão de todo o agir: o sentido religioso é o vértice da razão, porque a razão é consciência da realidade segundo a totalidade dos seus fatores» (*O eu, o poder, as obras*, Lucerna, Cascais 2019, p. 98). Vamos pegar nestas palavras: sede de verdade, sede de felicidade. Podemos já reconhecê-las: elas indicam a orientação para um significado total, que excede a minha imaginação e a minha capacidade de definição. E que, no entanto, é a razão do meu agir. Dá-nos, portanto, a sua conhecida definição de razão como «consciência da realidade segundo a totalidade dos seus fatores». Sentido religioso como sede de verdade, sede de felicidade que eu não consigo imaginar, que eu não consigo definir e que, no entanto, move e orienta todo o meu agir. Eis a sua preocupação. E acrescenta que, por isso, o sentido religioso é «a posição exata da consciência e da tentativa de uma atitude prática do homem face ao seu destino» (*Porquê a Igreja*, Tenacitas, Coimbra 2014, p. 195).

Por que é que se fala de um facto imponente? Porque é nesta posição, certa enquanto consciência e como atitude tentada, que reside toda a vida humana, de qualquer um de nós, indivíduos, e das sociedades, dos povos, de toda a humanidade. Por isso é uma realidade imponente.

Elisei. Vamos ainda aprofundá-lo, mas antes tenho uma pergunta simples, mas essencial: qual é a utilidade de voltar a tratar do tema do sentido religioso? Em Milão andamos sempre a correr, não sei como é em Madrid, mas aqui estamos sempre atarefados e parece sempre ser uma questão que se pode adiar, de alguma maneira. É preciso ter boas razões para propor a alguém a leitura de um livro que se concentra em perguntas, quando toda a gente à nossa volta se agita para fornecer respostas no mais curto espaço de tempo.

Prades. Qual é o contexto de hoje? Digo-o com uma fórmula feliz que o Papa Francisco tornou po-

Vamos pegar nestas palavras: sede de verdade, sede de felicidade. Elas indicam a orientação para um significado total, que excede a minha imaginação e a minha capacidade de definição. E que, no entanto, é a razão do meu agir



pular: estamos numa «mudança de época» (*Discurso no encontro com os representantes do V Congresso nacional da Igreja Italiana*, Florença, 10 de novembro de 2015). Podemos reduzi-la a um *slogan* que temos de citar, e passar adiante, mas se a levarmos a sério, coloca-nos a todos diante de um horizonte de mudanças muito profundas das nossas sociedades, que alguns autores apontam até como uma revolução antropológica. O momento em que nos encontramos, razão pela qual se volta a propor este livro, é um momento em que o alcance das mudanças, das alterações, toca verdadeiramente naquilo que é o humano, qual é a identidade humana. Se quiséssemos descrever os fenómenos que cabem neste diagnóstico, deveríamos fazer um trabalho que seria muito bonito fazer no âmbito dum aprofundamento cultural. Esta noite, farei apenas algumas referências.

Pensemos no polo tecnológico; para dizer de forma resumida, trata-se da famosa convergência NBIC (a nanotecnologia, a biotecnologia, a tecnologia da informação e as tecnologias cognitivas), que resume todo um mundo que podemos evocar sem muita dificuldade como uma das dimensões do horizonte em que nos encontramos.

Mas há outro polo, outro aspeto muito presente, no que diz respeito a esta mudança de época, que tem a ver mais diretamente como o humano: uma crescente autoafirmação dos indivíduos desligados das relações. Uma autodeterminação cada vez mais entendida como chave de sentimentos. Pensemos no tema do narcisismo nas nossas sociedades; a este nível, poderíamos abrir (podemos e devemos abrir) outro horizonte de questões. Se quisermos resumir, retomo um juízo do Papa Bento XVI quando falava de um «desequilíbrio entre possibilidades técnicas», gigantescas e, por si sós, utilíssimas para o bem-estar das nossas sociedades, «e energia moral». E acrescentava (isto é interessante): «A segurança, da qual precisamos como pressuposto da nossa liberdade e da nossa dignidade, não pode surgir, em última análise, de sistemas técnicos de controlo [não são os sistemas que nos tornam seguros], mas só pode, precisamente, nascer da força moral: sempre que esta falta, ou não é suficiente, o poder que o homem tem irá transformar-se cada vez mais [inevitavelmente e cada dia mais] num poder de destruição» (*L'Europa di Benedetto nella crisi delle culture*, Lev-Cantagalli, Roma-Siena 2005, p. 32). Não se diz que será assim; mas que poderá ser.

Em qualquer caso, aquilo a que Bento XVI cha-

*Don Giussani empurra-me
por trás, pela frente,
por todos os lados
como que a dizer-me:
«Acorda! Porque se tu
não estiveres presente,
nada daquilo que dizes,
fazes, propões,
desejas, sonhas,
sofres é teu!»*



ma de «energia moral» – a estatura humana considerada em sentido integral, podemos assim dizer – acompanha muito bem a preocupação que *don Giussani* tinha quando propôs o livro e o seu caminho educativo. Com uma fórmula que é mais conhecida para alguns de nós, sublinhou a perda do sentido do eu, ou seja, a perda da energia moral de que falava Bento XVI, de uma compreensão integral, viva, do humano, que pode, precisamente, usar bem o poder ou ser esmagado por ele. Dizia *don Gius*: «Por detrás da palavra “eu” há [...] uma grande confusão, todavia a compreensão do que é hoje o *meu sujeito* [quer dizer, do que sou eu] é o primeiro interesse. Com efeito, o meu sujeito está no centro, na raiz de qualquer ação minha [...]. Quando se negligencia o próprio eu, é impossível que sejam minhas as relações com a vida, que a própria vida (o céu, a mulher, o amigo, a música) seja minha. [...] Há [dizia-o já nesta altura, há uns anos] uma pressão fortíssima por parte do mundo que nos cerca [mass-media, escola, política] que [...] acaba por obstar [...] qualquer tentativa de tomada de consciência do próprio eu. [...] Se, ao invés disso, acontece, como realmente acontece, que aquilo que venha a ser totalmente esmagado, literalmente suprimido ou tão intimidado a ponto de ficar como que apalermado seja a nossa personalidade, o nosso eu, isto nós aguentamos tranquilamente todos os dias» (*Em busca do rosto do homem*, Companhia Ilimitada, São Paulo 1996, pp. 11-12).

Pois bem, Giussani não nos quer deixar sossegados em relação a isto. Eu sou um daqueles que sofre sem hesitar ser esmagado na sua personalidade e *don Gius* empurra-me por trás, pela frente, por todos os lados, como que a dizer-me: «Acorda! Porque se tu não estiveres presente, nada daquilo que dizes, fazes, propões, desejas, sonhas, sofres é teu!».

Acrescento uma última coisa. Só por si, isto já seria suficiente para estarmos gratos. Mas o arcebispo Bergoglio, no *Prefácio*, insiste noutra dimensão muito interessante e muito decisiva para nós: «Para um homem que se tenha esquecido, ou tenha censurado os seus “porquês” fundamentais e o anseio ardente do seu coração [se uma pessoa estiver assim apagada, murcha, meio morta], o facto de lhe falarem de Deus resulta num discurso abstrato, esotérico ou num impulso a uma devoção sem qualquer incidência sobre a vida» (*Il senso religioso*, op. cit., p. VII). Resgatar o humano é o caminho para reabrir de forma humana a pergunta sobre Deus. Se não houver a pergunta e não houver a resposta sobre Deus, todos os riscos de que falávamos antes levarão, muito provavelmente, àquele uso do poder dos homens contra os homens.

Por isso, voltamos hoje a este «facto» que é o sentido religioso, entendendo-o, com *don* Giussani, como «um convite e um estímulo a recuperar a simplicidade, a autenticidade da nossa natureza» (*L'io rinasce in un incontro. 1986-1987*, Bur, Milão 2010, p. 162), o fascínio de sermos homens. É preciso haver alguém que nos devolva o fascínio de sermos homens!

Elisei. Acabaste de falar do convite para sermos homens. *O sentido religioso*, que é seguramente o texto mais traduzido e mais conhecido de *don* Giussani, é a primeira parte de um percurso que Giussani começou a fazer com os miúdos que encontrou na escola, no Liceu Berchet, em meados dos anos cinquenta, miúdos nos quais ele identificava uma fé muito ligada à tradição, mas desprovida de bases sólidas (ele chamava-lhes «razões adequadas»). Começa então com eles um percurso educativo, a partir d' *O sentido religioso*, que se irá enriquecendo depois com outros livros e que está no centro da novidade de Giussani. Diante de jovens que tinham uma fé ligada à tradição, mas desprovida de razões adequadas, para os ajudar a perceber por que razão valia a pena acreditar, partiu da razoabilidade das perguntas iniciais. Uma inversão, não é? Em vez de analisar o problema individual, começo a montante, e isso, só por si, parece-me revolucionário. Para quem nunca conheceu Giussani (eu nunca o conheci!), é proposta continuamente no livro uma pergunta, eu ouvi-a ser-me feita: mas um homem, sobretudo um homem moderno, pode de forma razoável fazer-se estas perguntas?

Pergunto-te se este uso da razão e o sentido religioso são a grande novidade de Giussani ao abordar o tema.

Prades. No *Prefácio* das edições seguintes d' *O sentido religioso*, ele explica o objetivo da sua tentativa, o que se propõe fazer; diz assim: «É com a razão que o homem enfrenta a realidade [a realidade de toda a gente, dos de então, dos de hoje, de nós e de todos; para perceber, para entender a vida, para se perceber a si mesmo, aos outros, tudo]». E esta é já uma opção muito forte, porque há muitas alternativas por aí sobre a relação com a realidade que não partem exatamente da razão, dum sentido integral de razão, mas do sentimento ou da irracionalidade pura, por isso não são razões, há apenas o impulso do instinto ou da emotividade, e Deus sabe de quantas coisas mais. Pelo contrário, Giussani diz: «É a razão que nos define enquanto homens. Por isso devemos ter a paixão da razoabilidade: é esta paixão o fio condutor do itinerário que vamos seguir. É o que explica que o primeiro volume do PerCurso, *O sentido religioso*, se abra com três premissas de ordem metodológica, que ajudam a compreender a maneira como, por natureza, a consciência dos homens raciocina» (*O sentido religioso*, op. cit., p. 17).

Aqui é muito bonito e muito interessante perceber, por um lado, a originalidade de *don* Giussani, as marcas originais, originalíssimas, na minha opinião, da sua proposta educativa para nos fazer entrar na totalidade da realidade. E, por outro lado, se virmos bem, reconhecer que, ao fazer isto, ele segue a melhor tradição católica. Porque de Agostinho a Tomás, a Newman, não há um “grande” na história da fé e da Igreja que, ao tentar transmitir a fé, não se tenha interrogado sobre a razão e não tenha lutado a favor da razão. Por isso, podemos dizer que nos encontramos diante duma figura que prolonga esta sensibilidade nos nossos tempos, esta modalidade de abordagem da realidade como pista educativa. E assim, despertando a razão (as perguntas, como tu dizias), o caminho que

*Este negligenciar
do drama humano, das
perguntas, da paixão pela
razoabilidade da vida
é um dos elementos
da situação
em que nos encontramos*



Giussani propõe pode ir também ao encontro duma objeção que, há muitos anos, Joseph Ratzinger tinha observado na Alemanha de então (no início dos anos setenta): num livro muito conhecido seu, perguntava-se o porquê do falhanço na transmissão da fé. Por que razão a fé já não consegue ganhar raízes? Respondia: «A crise da prédica cristã, que há um século experimentamos em medida crescente, depende, em não pequena medida, do facto de que as respostas cristãs descuram as interrogações do homem; estas eram justas e continuam a sê-lo; porém, não tiveram influência, na medida em que não partiram do problema e não foram desenvolvidas no seio deste» (*Dogma e predicazione*, Queriniana, Brescia 2005, p. 75). Não faltou tanto a clareza das nossas respostas cristãs (falava da Alemanha dos anos setenta, sabia do que estava a falar), mas sim o perceber as respostas em relação às perguntas do homem.

Com a sua proposta, Giussani incidia precisamente sobre esta dificuldade que o levava a pensar em dois mundos paralelos, pelo que as respostas até podiam estar certas (estavam certas, podiam estar certas), porém, não indo ao encontro do outro, ou passavam por cima ou ficavam num canto da vida. Pois bem, este negligenciar do drama humano, das perguntas, da paixão pela razoabilidade da vida é, a meu ver, um dos elementos da situação em que nos encontramos, para a qual muitas vezes não sabemos verdadeiramente encontrar uma explicação. O livro começa com três premissas de método: a primeira premissa tem a ver com o «realismo», a segunda com a «razoabilidade» e a terceira com a «incidência da moralidade na dinâmica do conhecimento». Começamos a nossa procura com estas premissas. Mas que tipo de procura queremos levar a cabo? Bem, sigamos-lhe os passos. Realismo: o objeto dita o método. Qual é o objeto? O objeto é a pessoa. Não a definição de pessoa, mas a pessoa que eu sou, que tu és,

que cada um de nós é. E então, qual é a modalidade duma pesquisa realista, quando se trata de conhecer o que é uma pessoa? Quem sou eu? (Leopardi *dixit*: «e eu que sou?»). Assim, na minha opinião, na Itália dos anos cinquenta, encontrávamos já em Giussani, *avant la lettre*, a resposta à pergunta de Ratzinger dos anos setenta. São comparações históricas que eu faço um pouco ao acaso, mas parece-me que podem ser úteis. Há uma maneira de propor os conteúdos verdadeiros, as respostas certas, que vem do Mistério revelado, que tem em si, traz consigo, o diálogo vivo com nós mesmos e com o outro. E é isto que nos permite entender o conteúdo daquilo que nos é proposto como pertinente, como adequado e, portanto, como conveniente para mim e para todos. Ratzinger interrogava-se sobre a situação e respondia que aquilo que faltou foi o *Mit-fragen*, ou seja, o interrogarmo-nos juntos, todos: «Por isso, o tomar parte na busca do homem é uma componente essencial da prédica, porque só assim a palavra (*Wort*) podo tornar-se resposta (*Ant-wort*)» (*ivi*).

Portanto, recuperemos as nossa perguntas como expressão da abertura da razão àquilo que não consegue imaginar e que não consegue definir. Esta parece-me ser uma das características mais originais e fortes da proposta de Giussani.

Elisei. Parece-me que isto é válido também dum ponto de vista do diálogo: é um método graças ao qual tu podes falar verdadeiramente com toda a gente, a partir do momento em que não propões apenas, como tu dizias, um critério certo, uma razão certa, que, por si sós, não bastam para encontrares o outro.

Prades. Acima de tudo, corres o risco de não te encontrares a ti mesmo! E isso é muito pior. É verdade, porque tu podes pensar: «Mas eu disse a verdade, como é que este então não vem atrás de mim?». Pode

haver muitas razões, pelo amor de Deus, mas o facto de não existir a dimensão do envolvimento no drama humano, obscurece, tira a força de anúncio que é característica da proposta de *don* Giuss. Na minha insignificância, vi que abrir-me a mim mesmo a esta hipótese abre muitas portas. Claro, uma porta aberta é apenas uma porta aberta, não quer dizer que já chegaste, mas a porta abriu-se, depois logo se vê. Entretanto, começamos a caminhar. Às vezes, batem-nos com a porta na cara. Temos de estar preparados para isso, sempre, sempre. E então, recomeças. Mas quanto mais recomeças, mais és tu mesmo, apaixonado por fazer o caminho juntamente com o outro, porque o outro tem alguma coisa de ti.

Elisei. Dizias que valia a pena propor um livro assim. Acima de tudo, parar para o ler neste momento, dedicar horas, trabalho a um livro assim, permite-te recuperares-te a ti mesmo. Dizias o mesmo também na resposta que davas a esta última pergunta. É uma questão de consciência (parece-me perceber que é também uma questão de consciência, não é?). A uma dada altura, já não sentes que a vida passa por ti, mas consegues captar a sua profundidade. E aqui chegamos ao conceito de experiência. Dou um exemplo rapidíssimo sobre isto. Durante as férias da Páscoa, eu estava em casa dos meus pais e estava a tocar música clássica. Eu estava a ouvir a música clássica e a ler umas coisas, e apercebi-me de que as minhas filhas estavam a rir. Também se riam antes, mas a dada altura aquilo comoveu-me, emocionou-me. Pergunto-te o que tem isto a ver com a experiência de que fala Giussani, porque é um dos conceitos que ele desenvolve imenso e – novamente – também de forma muito diferente da forma como diariamente, normalmente, ouvimos falar de experiência. Então, o que tem isto a ver com o facto de nos apercebermos da profundidade do momento que estamos a viver e do qual somos participantes?

Prades. A meu ver, a categoria de «experiência» é decisiva para o posicionamento da posição humana e cristã de *don* Giussani. No livro, ele faz questão de precisar o que entende com a palavra «experiência», por muitas razões (até teológicas). Ele sabia bem como esta categoria tinha sido considerada suspeita, nos anos 30-40 do século XX, pela autoridade da Igreja. Por isso, não se brincava com isso; mas, sobretudo, porque estava em jogo a vida dos jovens e a vida de todos. Por isso, ele quis imediatamente precisar o

Apercebemo-nos de que crescemos não num setor particular da atividade humana, num ou em muitos, mas sim em relação à questão central da vida, ou seja, o sentido da existência. Que eu me dê conta de que cresço, com o passar dos anos, sobre o sentido da vida, é o cêntuplo já aqui



que entende com a expressão «fazer experiência». Tento dizê-lo assim: *fazer experiência* hoje quer dizer experimentar; mas sem um critério de juízo, não há experiência, o «experimentar alguma coisa», não se pode dizer «experiência», em sentido humano completo, sem o confronto com os critérios de juízo – diz Giussani – que permitem iluminar os fatores em jogo, até captarmos a plenitude das nossas exigências e a verificação das evidências que constituem o âmago da própria experiência. A experiência – entendida num sentido integral, tendo em si estes critérios que permitem o juízo – permite-nos enfrentar todas as questões da vida dando-nos conta de que crescemos. Isto, na minha opinião, é o cêntuplo já aqui! Apercebemo-nos de que crescemos não num setor particular da atividade humana, num ou em muitos, mas sim em relação à questão central da vida, ou seja, o sentido da existência. Que eu me dê conta de que cresço, com o passar dos anos, sobre o sentido da vida, é o cêntuplo já aqui, depois virá a vida eterna.

A inteligência da realidade, a paixão pela razoabilidade, não é um exercício que se possa fazer sentados à secretária, não pode ser. O “trabalho de secretária” é muito importante para alguns de nós, e é decisivo para a nossa profissão, mas essa inteligência não pode ser alcançada na secretária de nenhum de nós, nem mesmo de quem faz o seu trabalho sentado a uma secretária. Mas conquista-se – esta inteligência da realidade – a partir do confronto com a realidade. Dou um exemplo, desculpem-me se é um pouco banal. Eu posso escrever no quadro: «As mães gostam dos filhos. As crianças são amadas pelas mães». Mas para a criança que está ali sentada, esta frase não a

abraça, não a consola; é verdadeira, indiscutivelmente verdadeira, mas a criança só perceberá o conteúdo de inteligência da realidade que a frase exprime na medida em que – abraçada pela mãe – se sentir verdadeiramente capaz, mesmo sem palavras, de confirmar (se soubesse falar, gritava!): «A mãe gosta de mim!». Desculpem o exemplo simples, mas é útil também para aquilo que eu acabei de dizer sobre os critérios que constituem o coração humano: Giussani diz que cada um de nós é dotado destes critérios com os quais pode confrontar qualquer coisa; são dados pela natureza, são dados na nossa condição, colocados pela condição humana ou (usando uma expressão muito sua) são critérios imanentes à estrutura original da pessoa.

Detenho-me um segundo sobre esta primeira dimensão dos critérios (sem os quais não se faz experiência, não se cresce) em relação à vida, ao sentido da vida: estes são objetivos, iguais para todos, estão dentro de nós, mas são-nos dados; são imanentes à nossa estrutura humana, mas não estão disponíveis, em sentido profundo, não são manipuláveis por nós próprios. Mas não devemos dar razão a Giussani porque é ele que o diz, muito menos porque eu o digo, porque isto, é preciso vê-lo! É preciso vê-lo como a criança, que pode confirmar a verdade da frase sobre a mãe. Vou tentar dizer como e onde eu vejo isto.

Há uns dois anos, lendo um poeta espanhol contemporâneo, Karmelo C. Iribarren, impressionou-me uma poesia de duas linhas (duas linhas!) intitulada *Madrid, metropolitano, noite*: «Gente exausta com os olhos fixos no chão, / que se interroga sobre a vida, a vida verdadeira... / porque não pode ser apenas aquilo». Com os olhos fixos no chão, interroga-se sobre a vida, a vida verdadeira, porque não pode ser apenas aquilo. Pessoas comuns, que trabalham como loucas, que voltam para casa à noite desfeitas, de metro, exaustas, olhando para o chão e pensam: «Mas o que é a vida?». O poeta tem razão quando capta, quando lê assim o coração daquelas pessoas. A coisa mais impressionante, que mais me toca, é esta: como é que aquelas pessoas sabem que a vida não pode ser só aquilo? Quem lhes disse? Ninguém lhes disse! Ou será que sim? Não é porque tiveste primeiro uma vida de rico e depois perdeste tudo que, então, voltas para casa de metro à noite e dizes: «Bolas, se eu tivesse um carro e um *chauffeur*, faz-me falta essa vida...», não! Podes nunca a teres tido, nunca ter tido uma vida diferente, mas sabes que a vida não pode ser só aquilo. Mas então, de onde vem esta certeza? Quem

grita em mim? Que voz grita em mim esta exigência de vida verdadeira? Se depois o vires pelo lado positivo, dizes: «Está bem, a vida não poder só isto. Estás ali, desfeito, aos bocados, no metropolitano. Diz-me então qual seria a vida verdadeira». Se tentarem fazer isto como as pessoas do metropolitano, qualquer um de nós (eu também sou um dos do metropolitano!), e começarem a perguntar-se: «Então o que é a vida?», a vida-vida, diria Agostinho. O que é a vida-vida? Começam a fazer uma lista dos ingredientes e tentem ver onde paravam, onde poderiam dizer: «É isto a vida!». Interessantíssimo. Quando uma pessoa vê isto, pergunta-se: «Mas haverá alguém no mundo que se conceba como escravo, que trabalhe como um escravo, e não se aperceba deste *gap* em relação a uma vida que não seria apenas uma vida de escravo?». São coisas a ver. Esta é, de certa maneira, digamos, uma observação complexa sobre o sentido da vida, que surge em tantos episódios, talvez até mesmo nos mais simples.

Conto-vos outro muito banal. Eu sou professor, ensino teologia há muito tempo, e há uns anos tinha um aluno que se sentava no banco o mais atrás possível, visivelmente desinteressado daquilo que eu lhe dizia (pelo menos eu pensava isso). Quando um professor vê alguém assim, sinceramente, começa a não pensar muito bem do tipo em questão. Um dia, seria na primavera, mais ou menos, estava no meu gabinete de professor para receber os alunos. Batem à porta. É aquele aluno: «Olhe, eu habitualmente nunca falo com os professores. E além disso, o professor é-me especialmente antipático». «Está bem». «E depois, não gosto nada desta Comunhão e Libertação». «Então se calhar enganaste-te na porta, o que queres que eu te diga? O que é que estás aqui a fazer?». «Desde o Natal que tenho muitas dificuldades e estou a pensar em largar tudo. Pedi ajuda, deram-me conselhos, se calhar bons e sábios, mas eu não mudo, vejo que nada me ajuda. Mas apercebi-me de que ouvi-lo nas aulas está a ajudar-me». Bolas! Naquela altura, ocorreu-me dizer-lhe: «Olha, agradece a Deus pelo que te aconteceu, porque te deste conta duma coisa que é tão verdadeira que abriu caminho e ultrapassou todos os teus preconceitos. Foste ligado pela luz e – dizia *don* Giuss – pela coerência da verdade, que não te liga a mim, meu caro (eu fui um intermediário), mas liga-te à experiência de verdade que fizeste agora, da qual eu fui o intermediário. Se eu te sou antipático, amanha-te, mas durante o resto da vida já não poderás arrancar de ti o facto de teres percebido a dife-



rença entre as coisas que desaparecem e o emergir de uma verdade pertinente, coerente, transparente, que desperta a tua responsabilidade. Agora amanha-te! Eu estou aqui, quando tu quiseres». Foi-se embora. Voltou uma vez, voltou muitas outras vezes, ficámos muito amigos, agora acho que ele é muito inteligente, obviamente, segue a nossa belíssima companhia do movimento. Eu não sei se o ajudei, mas aquele episódio ajudou-me imenso, porque a verdade é poderosa. Numa sociedade como a nossa, que nega até a questão sobre a verdade, eu posso insistir em dizer aquilo que quero, ma quando emerge a verdade reconhecida e ajuizada, renasce-se como sujeitos para tudo! Este aluno, agora, é um ótimo padre.

Elisei. Percebemos o método com o qual Giussani aborda o sentido religioso, o ponto de partida que aponta para olharmos para o nosso sentido religioso. Porém, dizes tu, há muitas camadas de preconceitos em cima de nós. Então, de onde parto?

Prades. Antes de te responder, há uma coisa que eu queria mesmo dizer. Porque o reverso da medalha destes critérios – que, como critérios, são objetivos, imanentes e dados – é que na sua aplicação não podemos errar e, efetivamente, erramos. Giussani dava sempre (lembro-me bem) o exemplo do patrão que se apaixona pela secretária. É casado, tem três filhos e diz que se vai embora de casa; em nome de quê? Trai em nome de quê? Ninguém trai em nome da traição! Ninguém. Trai-se em nome de uma ideia de felicidade, de uma ideia de amor; sim, de felicidade ou de amor. Mas a aplicação pode estar errada, muito errada: infelizmente, todos temos exemplos negativos muito próximos. Pensem também na exigência de justiça. Não acredito que no coração de alguém haja uma

exigência mais forte do que esta. Basta que te sintas injustamente tratado e rebenta o fim do mundo! Ponham-se agora do outro lado, vamos pôr-nos do outro lado: tu queres fazer justiça, por exemplo, em casa com os filhos, não digo que não queiras fazer justiça. Todos sabemos bem quando é que não queremos fazer justiça, mas pensemos num caso em que a queremos fazer. Dizes: «Tenho dois filhos, três filhos, tenho dependentes e quero fazer justiça. Não posso fazer justiça com as minhas mãos? O que significa fazer justiça?». É uma evidência: sem justiça não posso viver, porque não suporto viver na injustiça (e as feridas que se carregam por causa das injustiças sofridas são tremendas). Tu dizes: «Está bem, percebi. Então, como a justiça é uma exigência do coração, cada movimento meu é justo?». Depende! Há sempre a possibilidade de descobrir que aquilo que eu considerava justiça pode ser comparado a um critério de justiça mais “justo”, que me faz mudar e me faz dizer: «Pensava que tinha sido justo até onde podia; mas o meu coração, com a sua exigência de justiça, irá continuar a corrigir-me, poderei sempre redescobrir que o critério imanente, dado, não colocado por mim, pode corrigir as minhas aplicações do mesmo».

Chego então ao que me perguntavas: de onde se parte? Parte-se... vamos ver de onde parte *don* Giussani.

Elisei. Um bocadinho de *suspense*...

Prades. Para uma busca existencial como a que estamos a fazer, a proposta é partir de nós mesmos. Ele di-lo claramente e é um critério muito, muito forte. Quantas apostas, quantas escolhas Giussani faz, fortíssimas, no percurso do livro. Portanto, temos de perceber bem em que sentido nos convida a «partir de nós mesmos» (*O sentido religioso*, op. cit., p. 62).

Num contexto como o de hoje, em que o narcisismo e o individualismo são talvez muito mais fortes do que há cinquenta anos, diz: «Partir de si próprio é realista quando a própria pessoa é considerada *em ação*, isto é, observada na experiência quotidiana» (*ivi*). Cá está, Giussani sugere um critério de método muito interessante. Como me posso dar conta? De onde se começa? É preciso identificar a estrutura da reação que cada um de nós tem diante da realidade. Não a introspeção, não o isolamento, mas ver-me em ação, acusar o golpe. Por isso a realidade é salutar, porque, se não existisse, estaríamos todos mal da cabeça! A realidade é um princípio de saúde mental. Tu vês-te em ação, vês-te numa relação com a realidade, na ação, nos afetos que vives, no trabalho, no querer bem, no empenho cultural, público, político. O envolvimento com todos os aspetos da vida dá-te sempre um *feedback* que – se for olhado com os critérios referidos acima – é uma fonte inesgotável de tensão para a compreensão integral da vida. Não precisamos de mais nada. Não nos falta a vida e, não faltando a realidade que nos provoca todos os dias, desperta todo o dinamismo que nos permite crescer seguindo critérios corretamente vividos.

Elisei. A próxima pergunta liga-se a isto. Às vezes encontramos em nós, ou vemo-lo em alguém que conhecemos, um coração que parece um pouco adormecido. Como se desperta um coração adormecido? No *Prefácio*, Bergoglio diz: «Não se pode começar um discurso sobre Deus sem primeiro soprar as cinzas que sufocam as brasas ardentes das perguntas fundamentais» (*ibidem*, pp. VII-VIII). Estou a pensar num colega insatisfeito com a sua vida sentimental, profissional, em suma, sob tantos pontos de vista; porém, parece que nos contentamos, que escolhemos contentar-nos.

Prades. Do ponto de vista da educação de cada um de nós – para os miúdos de 12 anos, de 14, para os vossos filhos, para mim que tenho 62 anos –, a questão é muito importante. Eu preciso imenso dela. Para o nosso percurso educativo, para a comunicação da nossa experiência, para a partilha de nossa experiência, é uma questão radical. Como se despertam estas perguntas? Como se desperta um coração adormecido? Vou diretamente àquela página muito famosa em que Giussani responde precisamente a esta tua preocupação: qual é a estrutura da reação que provoca a realidade, a primeira, a mais original? Serve-se dum exemplo muito, muito original, muito bonito: «Vamos

supor que nascemos, que saímos do seio materno, com a idade que temos agora, quanto ao desenvolvimento e à consciência que temos. Qual seria o primeiro, o absolutamente primeiro sentimento, ou seja, o primeiro fator da reação perante a realidade? Se eu abrisse pela primeira vez os olhos neste instante, saindo do seio materno, seria dominado pela maravilha e pelo espanto que provocariam em mim as coisas, pela sua “presença”» (*O sentido religioso*, op. cit., pp. 149-150). Se pudéssemos nascer com a consciência de um adulto, a estrutura da reação diante da realidade seria o espanto. As “coisas”, a “coisa”, a realidade.

O exemplo não é artificial, a mim parece-me ser muito perspicaz, muito profundo. Desde logo porque todos nos podemos reconhecer, enquanto pessoas normais, nesta primeira descrição da estrutura de uma reação comovida, de um espanto diante das coisas habituais. Lembrei-me dum livro publicado há muitos anos, com os testemunhos de astronautas americanos e cosmonautas russos que tinham regressado à Terra. Relendo alguns deles, aquilo que vemos imediatamente é uma surpresa cheia de contentamento. Por exemplo, um deles dizia: «Ao sair da nave espacial, fui tomado por uma estranha sensação de felicidade. A Terra tinha um cheiro inefavelmente doce e profundo. Que prazer sentir o vento depois de longos dias no espaço!». Outro declarava: «Depois de ter descido da nave, fiquei muito feliz ao ver o terreno já coberto com a primeira e fina camada de neve outonal. Queria atirar-me ao chão, abraçar a neve e apertá-la com as luvas» (K. Kelley, em *The Home Planet*, Addison-Wesley, Reading-Ma, 1988). Quantos russos, nas suas vidas, terão visto um dedo de neve sobre a terra no outono? Todos (exceto alguns no Mar Negro!). Não há

De onde se começa? É preciso identificar a estrutura da reação que cada um de nós tem diante da realidade.

Não a introspeção, não o isolamento, mas ver-me em ação, acusar o golpe.



coisa mais banal, mais óbvia, do que a neve na Rússia. Mas basta recuperar o olhar original, que te vem logo a vontade de te atirares ao chão, cheio de felicidade!

Don Giussani, no entanto, não dá este exemplo apenas para estimular os sentimentos, no sentido de dizer: «A terra faz-me ficar de bom humor», mas lê esta experiência, que se pode multiplicar em tantos outros exemplos, como um indício de nada menos do que da própria profundidade da realidade. Ou seja, o espanto não é apenas um sentimento, mas o caminho que nos leva a um “além” que é da mesma natureza do espanto. Aquilo que não consigo definir e não consigo imaginar, parece-me de tal forma correspondente que provoca espanto, comoção. Será falso? Será uma aparência? *Don Giussani* parte do espanto enquanto porta, enquanto janela, enquanto ponto de fuga para indicar a única coisa que nos pode sossegar: a realidade é boa. Não só “parece”, mas é-me dada assim como parece, como boa. É ali que está a certeza, é ali que está a consistência.

O teu colega, eu e todos nós, não podemos apagar-nos até termos, por graça, a ocasião de um encontro que desperta o espanto, que desperta o dinamismo humano, que nos volta a pôr em ação. Isto é decisivo, por aquilo que tu dizias no início. *Giussani* sublinha o quanto a experiência descrita no exemplo é profunda. Tu vais, vais, vais, vais mais além, mergulhas nesta experiência e, no final, dás-te conta, nada menos, de que na origem de ti há alguma coisa de misterioso à qual não podes dizer senão «Tu». Não podes dizer senão «Tu» a esta misteriosa origem no profundo de ti (cfr. *O sentido religioso*, op. cit., pp. 156-157). Assim, o caminho para Deus será entendido de uma forma muito mais realista, existencialmente vinculativa, quando alguém ouvir o anúncio cristão. *Don Giussani* comen-

*Tu vais, vais, vais,
vais mais além, mergulhas
nesta experiência e, no final,
dás-te conta, nada menos,
de que na origem de ti há
alguma coisa de misterioso
à qual não podes
dizer senão «Tu»*



tou a *Sevillanas del Adios*: «Algo se muere en el alma, / cuando un amigo se va... [...] El barco se hace pequeño / cuando se aleja en el mar...» (Alguns coisas morre na alma quando um amigo se vai... o barco faz-se pequeno quando se afasta no mar). *Giussani* diz que esta é a experiência humana mais nobre. Aquele ponto de fuga perde-se no horizonte: «As *Sevillanas*, dizia, são um símbolo: o barco, o navio que se afasta, vai-se tornando cada vez mais pequeno até que desaparece». Depois acrescenta: «Mas, enquanto que para o homem comum essa linha do horizonte constitui o ponto onde tudo se afunda, até desaparecer – o *barco* da canção desapareceu, era um ponto, apenas um ponto, e depois desapareceu –, para o cristão essa linha do horizonte é como um enigma, o mistério do qual deve surgir diante dele, do qual tem que chegar alguma coisa até ele: é uma terra desconhecida da qual vai chegar até ele alguém que traz uma riqueza inimaginável. [...] E, efetivamente, num dado momento aparece um ponto no horizonte, sobre a linha do horizonte: é o barco. Este *barco*, que ao princípio é um ponto, torna-se cada vez maior. Ante os olhos do homem atento, que fixa nele o olhar, vai-se fazendo cada vez maior, maior, até que se perfila também o que está a bordo dele e vê-se então um homem, o barqueiro, sentado dentro dele. O barco aproxima-se da margem, atraca e o homem que esperava abraça o outro que chega» (*Realidade e juventude. O desafio*, Diel, Lisboa 2003, pp. 101, 103-104). Mas quem poderá alguma vez perceber, sem tremer, a frase: o Mistério fez-se homem, se dizer: «Mistério» não provoca a experiência do mistério de bem desconhecido que atravessa todas as camadas da vida e de que não conhece o nome? Não sabes dizer o seu nome e não diz o teu nome, mas o homem que desce à terra e te abraça (o Mistério feito homem), Esse tem um nome e Ele sabe o meu nome.

Por isso, se não fizemos integralmente o percurso, as palavras mais sagradas da nossa fé podem desaparecer sem agarrar nem sequer um milímetro as pessoas. E, no entanto, são verdadeiramente a porta da salvação para quem se interroga: «O que faço eu aqui, que não percebo nada da minha vida?». Posso estar apagado, mas desperto porque alguém passa perto de mim com esta capacidade de me abraçar.

Elisei. Qualquer coisa nos pode espantar, e isso pode despertar-nos. Exatamente porque falamos de espanto, faço-te a próxima pergunta, muito breve, partindo daquilo que me perguntou outro colega (tenho quantos colegas quiseres para mais pergun-



Aqui não há espetadores, hoje não há espetadores. Vieram aqui por acaso? Não sei por que razão vieram, mas estão aqui. E não são espetadores. Por isso deixamos a questão em aberto: «O que quer dizer viver intensamente a realidade?». De quem é que eu posso dizer, conhecendo-lhe o nome e o apelido, que corresponde às palavras do texto, ou seja, vive intensamente a realidade?

tas ainda!). Nos últimos dias, preparando o encontro desta noite, tinha o livro dentro da minha carteira. Evidentemente, via-se, e um colega, curioso, tirou-o para fora; depois do título, olhou para a contracapa e leu: «Viver intensamente a realidade». Aproximou-se de mim e disse: «Mas uma pessoa que vive intensamente a realidade, o que é que faz?». Eu disse-lhe: «Vem ouvir o Prades e ele responde-te». Giussani diz: «Qual é a fórmula do itinerário para o significado último da realidade? Viver intensamente a realidade». O que é que isto significa?

Prades. Muito bem! Pois bem, eu deixo esta pergunta aberta a todos. Verdadeiramente! Não é que no palco estejam os atores e na plateia os espetadores, lamento! Aqui não há espetadores, hoje não há espetadores. Vieram aqui por acaso? Não sei por que razão vieram, mas estão aqui. E não são espetadores. Por isso deixamos a questão em aberto: «O que quer dizer viver intensamente a realidade?». De quem é que eu posso dizer, conhecendo-lhe o nome e o apelido, que corresponde às palavras do texto, ou seja, vive intensamente a realidade? Tenhamos em conta que Charles Taylor diz: «Esta é a época da autenticidade» (C. Taylor, *The Ethics of Authenticity*, Harvard University Press, 2003). Efetivamente, ao ouvir muitas canções, por exemplo: *I Want it All*, a vida parece ser muito intensa, muito autêntica. Ou não? *And I Want It now* (Queen, «I Want it All», da *The Miracle*, 1989 Emi). Será aquela a forma de viver intensamente a realidade? Será talvez um «ocupemo-nos»? É muito mais bonito cruzar-me com alguém cuja vida desperte em mim a experiência de uma correspondência, da intensidade da realidade como itinerário para o significado último. Porque esta é a segunda parte da frase, que não devemos perder de vista. «Viver intensamente» pode ser entendido de várias maneiras: *don* Giussani diz que isso é para alcançar o «significado último». Estou com curiosidade, dentro de umas semanas, de receber indicações de pessoas,

lugares, gestos onde se vive a realidade intensamente, de tal forma que se esteja em caminho para o destino.

Elisei. Queria perceber que interesse pode ter refletir sobre a religiosidade, sobre o sentido religioso, para quem talvez acredite já ter encontrado uma resposta para estas perguntas, para quem já está num percurso de fé. Em suma, por que razão isso não é um passo atrás, ou uma repetição?

Prades. Não é apenas para «quem crê ter encontrado uma resposta», mas também para «quem a encontrou» – porque a resposta cristã é muito verdadeira –. Giussani, uma vez, disse a brincar: «Fomos nós que escrevemos o sentido religioso» – nós... ele! –, «nós cristãos, nós católicos», ou seja, nós que encontramos Jesus Cristo, que a partir desse encontro pudemos recuperar a humanidade segundo a espessura, a riqueza, a precisão, a plenitude que é descrita n' *O sentido religioso*. Giussani já o dissera, mas lembro aqui a expressão que o Julián Carrón utilizava tantas vezes: «O sentido religioso, verificação da fé» (*Tracce*, n. 2/2011, pp. I-XII). Fazer o percurso do sentido religioso como verificação da fé cristã, é isto que queremos fazer nós agora. Caso contrário, como faremos, como farei, para comunicar a intensidade, o gosto, a paixão pela fé, se quando digo: «Incarnação do Verbo que se fez homem» faltasse tudo aquilo que eu disse antes? E, pelo contrário, como é diferente poder dizer a alguém: «Vem comigo, vamos encontrar-nos, vou a tua casa», quando a minha fé é como que retro-alimentada, mantida e movida por esta inteligência do humano que jorra da fé! Pois bem, eu julgo que uma proposta como esta permite (não é mecânico, nada é mecânico) escapar ao formalismo, ao formalismo com que nós, cristãos, vivemos a fé. A ponto de perceber a ligação profunda, existencial, entre cada uma das propostas que nos faz o cristianismo, que nos faz o Senhor que encontramos, e a humanidade que O procura. Por outro lado, se o sen-

tido religioso não consegue encontrar aquilo por que se move, geralmente decai (foi sempre um bocado a mesma história) em pormenores que tomam o lugar da totalidade, porque sem significado não se vive. Se eu não consigo encontrar o significado que se fez próximo, que se fez carne, vou traduzi-lo de acordo com a minha imagem ou a minha definição. O único que não deixa fechar o círculo do sentido religioso é Cristo. «Remoto Christo», como dizia a antiga teologia; sem Cristo, a tentação de encerrar o problema numa imagem ou numa definição é demasiado forte.

Elisei. Diria que podíamos concluir, recordando apenas que esta foi uma apresentação do livro, mas também é a proposta de um trabalho sobre *O sentido religioso*, como possibilidade de um aprofundamento para todos.

Prades. Muito bem. O Davide já o tinha dito, e tu também nos recordas o mesmo; eu volto a afirmá-lo brevemente. No *Prefácio*, o arcebispo Bergoglio diz que este livro «é um livro para todos». É um livro para todos!

É, em si mesmo, uma obra-prima, mas para mim isso não basta, porque não nasceu assim! Exatamente pela maneira como nasceu, a coisa mais fascinante deste livro é que ele representa uma dimensão de um caminho educativo integral, para um aprofundamento da experiência integral cristã e humana que cada um encontrou e graças à qual surgiu também o livro. Cá está, não é um “faça você mesmo”, não é um manual de auto-ajuda (não sei como se diz), não é isso! É a expressão de uma proposta educativa que faz parte de um percurso, de um caminho que não pode deixar de te despertar interesse, se chega até ti através duma realidade qualquer que desperta em ti o espanto e que te põe em movimento. É por isso, e dessa maneira, que o livro adquire todo o seu peso.

O Papa Francisco tinha-nos dito, em outubro passado, que «a Igreja, e eu mesmo, esperamos mais, muito mais» («Arda nos vossos corações esta santa inquietação profética e missionária», supl. da *Pas-*

sos, n. 04/2022, p. 10). Eu penso, humildemente, que sem dúvida uma das coisas mais bonitas do caminho educativo que partilhamos e para o qual podemos convidar toda a gente, é precisamente esta experiência integral, este fazer parte de um lugar vivo que olha para a humanidade desta maneira. Esta vida, esta realidade, permite-nos estar da maneira certa diante de todos os desafios de que falámos antes, os desafios enormes e diários, a que Francisco chama de «mudança de época». Nesse sentido, a meu ver, este livro é um recurso de excepcional valor educativo, cultural, missionário, que devemos propor a todos, porque verdadeiramente nos convém.

Elisei. Vamos chamar o Davide Proserpi para as conclusões. Obrigada a todos pela vossa atenção.

Proserpi. Queria concluir este encontro dando seguimento ao que o Javier Prades acaba de dizer. Esta apresentação não é apenas (claro que também o é, mas não apenas) a apresentação de um livro, mas a proposta do início de um trabalho, que nós, de Comunhão e Libertação, estamos habituados a chamar de «Escola de Comunidade». A Escola de Comunidade é um gesto semanal ou quinzenal, geralmente orientado por um dos responsáveis locais do movimento, que visa aprofundar os conteúdos propostos através do confronto serrado entre o texto de *don* Giussani e a nossa experiência, como ouvimos. Tem a forma de um diálogo e, como já dissemos no início, é aberto a todos. Não são exigidas condições prévias de pertença, credo religioso ou competências culturais: basta ter abertura em ouvir, interesse e empenho com a nossa humanidade. Efetivamente, este gesto nasceu da paixão educativa de *don* Giussani que, como ouvimos, deu toda a sua vida pela educação, formando jovens e menos jovens para um olhar livre e sério sobre si e sobre a realidade.

Permitam-me que vos leiam algumas passagens, retiradas de diferentes textos, em que o próprio *don* Giussani nos introduz ao significado e à finalidade da Escola de Comunidade. «A Escola de Comuni-

É a expressão de uma proposta educativa que faz parte de um percurso, de um caminho que não pode deixar de te despertar interesse, se chega até ti através duma realidade qualquer que desperta em ti o espanto e que te põe em movimento.



dade é acima de tudo um trabalho. É o trabalho que constrói, é o fenómeno humano através do qual, plasmando a realidade criada, a realidade que nos rodeia, algo de orgânico se ergue, algo de acolhedor, de útil, de pacífico, de humano. [...] Mas pergunto-me então: porquê a Escola de Comunidade? Por que é que criámos a Escola de Comunidade há tantos anos? A vida tem um objetivo, e o facto de surgirem tantos problemas urgentes ao longo do nosso dia é precisamente a confirmação de que a vida tem um objetivo, porque se não tivesse um objetivo não existiriam problemas. Foi o que nós quisemos ao instituir a Escola de Comunidade: que não haja nenhum problema humanamente sentido na nossa vida que não encontre ali resposta, resposta adequada; a resposta adequada a um problema são as razões constitutivas daquele problema. Isto dá à vida curiosidade e gosto. Resolver um problema da vida, próprio da vida, dá curiosidade e gosto. Mas esta foi a descoberta das primeiras horas de escola de religião que eu fiz; tive de me dar conta de que a fé tem mais razões do que aquelas que a inteligência humana capta. A fé tem maior capacidade de dar resposta aos problemas humanos do que a que tem a própria razão. Por isso a amámos, a esta fé, porque ela se revelou aos nossos olhos como uma grandeza mais fascinante do que a grandeza do nosso pensamento de homens e mais acolhedora do que um coração generoso de homem consegue ser acolhedor» (*In cammino. 1992-1998*, Bur, Milão 2014, pp. 240-241).

Porquê, então, fazer Escola de Comunidade sobre o livro que apresentámos esta noite? *O sentido religioso* é o primeiro de uma trilogia de textos com os quais don Giussani completou o percurso de catequese para as pessoas que o conheciam, a ele ou à experiência de fá nascida do encontro com ele.

Os outros dois textos intitulam-se *Na origem da pretensão cristã* e *Porquê a Igreja* e tratam, respeti-

vamente, da experiência do encontro com a figura de Cristo, histórica e existencialmente, e de como este facto permanece na história através da companhia humana da Igreja. A trilogia, da qual *O sentido religioso* é o primeiro passo, assumiu para don Giussani – com um jogo de palavras – a definição de “PerCurso”: um curso que oferece, precisamente, a possibilidade de fazer um percurso. Várias vezes o próprio don Giussani fez referência ao valor desta Escola de Comunidade sobre *O sentido religioso*: «Eu tinha dito, antes de começarmos a Escola de Comunidade sobre *O sentido religioso*, que havia uma coisa que me permitia desejar que acontecesse no final do trabalho: que tivéssemos percebido, pelo menos um bocadinho, que tudo e tudo de nós depende duma coisa maior do que nós; maior não no sentido de mais volumoso relativamente à nossa imaginação, mas ainda assim da mesma natureza daquilo que conseguimos imaginar, mas sim no sentido de diferente, de “totalmente diferente”, como nos lembrou uma vez o Papa citando um grande teólogo protestante; a nossa razão não chega lá: nada se pode comparar a Deus, nós somos um nada diante de Ti. Ora este Mistério – é o segundo passo: o primeiro é que o Deus de que nos falou Cristo, que nos foi revelado por Cristo, porque nunca ninguém o viu, a não ser Aquele que desceu do céu, é Mistério – é um Mistério que entra na história: o Deus é um Deus histórico. Isto é insuportável para a cultura humana de todos os tempos. À ideia, à intuição de que a realidade depende de outra coisa, houve muitos que chegaram, até mesmo Voltaire, até mesmo os homens mais hostis à Igreja e ao cristianismo. Mas que este Mistério tenha tido a ver com a história, que Deus se tenha tornado um Deus histórico, isso não é fácil de suportar, porque não se consegue conceber. Exatamente porque o Mistério não pode ser concebido por nós, muito menos podemos conceber como

é que o Mistério pode estar com e dentro da miséria do tempo e do espaço, aquela miséria que sentimos em nós e que nos leva da manhã incerta à noite cansada, que nos faz atravessar a maior parte dos momentos de forma distraída e banal, que nos faz ter atitudes normalmente tão mesquinhas. Deus tem a ver com estas coisas, o mistério entrou na história, é um Deus histórico» (*La verità nasce dalla carne*, Bur, Milão 2019, pp. 190-191).

Noutra ocasião, diz: «O homem de hoje, que tem esta pretensão, nunca viveu uma escravidão como a atual, mental e de coração, tanto mais grave quanto mais ele pretende fazer-se por si, quanto mais esquece a sua dependência total e original: “Amei-te com um amor eterno, atraí-te ao ser, atraí-te a mim, tive piedade do teu nada”. Uma frase que corresponde à que Cristo disse antes de morrer: “Sem mim, nada podeis fazer”. É preciso ter esta consciência e este sentimento, que são dados pela coisa mais desconcertantemente evidente: nós podíamos não existir; não estamos aqui porque temos esse direito, porque tivemos a força ou a capacidade de nos dar a vida. Por isso, deve predominar o sentimento de sermos criaturas, de termos sido escolhidos para viver, escolhidos para ser: não havia nenhuma razão para que eu existisse e não outros, infinitamente outros. A Bíblia surge, nasce, desenvolve-se toda sobre este sentimento profundo, sobre esta verdade última e primordial, sobre esta verdade que penetra todos os poros da pele e todos os cabelos da cabeça, “porque até os cabelos da vossa cabeça estão contados”, e não podes aumentar nem um milímetro – mesmo que quisesses – a tua estatura. A Bíblia parte da consciência e do sentimento primordial, profundo e último desta dependência total» (*ibidem*, pp. 104-105). Aqui está o conteúdo fundamental da Escola de Comunidade sobre *O sentido religioso*.

*É uma oportunidade
para voltar a colocar no
centro do nosso interesse
o nosso verdadeiro eu
e recuperar uma
relação verdadeiramente
livre com a realidade*

Hoje vemos bem que os ritmos da vida, na sucessão frenética dos dias, nos levam muitas vezes a reagir de forma reativa, numa perseguição de resultados que respondam atempadamente aos estímulos externos à nossa pessoa. Mas exatamente por isso, sentimos cada vez mais a necessidade ter momentos para nós, para ficarmos a olhar apaixonadamente para a consistência do nosso «eu» – como ouvimos esta noite –, sem a qual todo este frenesim nos levaria a uma ausência progressiva de um sentido da vida. Eu julgo que começar um trabalho como este é uma oportunidade para voltar a colocar no centro do nosso interesse o nosso verdadeiro eu e a possibilidade de recuperar continuamente uma relação verdadeiramente livre com a realidade: trabalho, família, filhos, amores, paixões, doença e solidão, alegrias e dores. Tudo pode ter um significado para quem não se resigna a viver renunciando a procurar um sentido para a existência.

Concluo com uma breve citação de Giussani: «O meu desejo, por isso, é que experimentem como qualquer problema pode ser abordado com razões que pre-sentem ou apontam a solução, e que fé corrige e conclui todas estas indicações. É como quando nos levantamos de madrugada e ainda é escuro, não se vê nada distintamente, exceto as últimas estrelas; entre-vemos os contornos das coisas, das casas, das árvores, das colinas. A dada altura, acontece um fenómeno que parece normal e é estranho. Não deriva do crepúsculo, aliás depois percebe-se que é o crepúsculo que deriva deste: é o fenómeno do sol que surge. Então as casas, as árvores e as colinas definem-se segundo a sua verdadeira natureza, segundo a sua verdadeira forma e tudo se compõe numa tranquilidade em que o homem está seguro, começa a agir de forma segura. Desejo-vos que a Escola de Comunidade seja para vocês este sol que surge da confusão crepuscular das intuições naturais, da inteligência natural» (L. Giussani, *In cammino*. 1992-1998, op. cit., p. 241).

Por isso, convidamo-los a todos a fazer este trabalho connosco, sem a pretensão de mudar o mundo, mas com a esperança de começarmos a mudar-nos a nós mesmos. Do ponto de vista prático, podem pedir informações sobre os lugares e os horários das várias Escolas de Comunidade às pessoas que vos convidaram esta noite, ou escrevendo para este endereço de mail da secretaria de CL: info@clonline.org

Mais uma vez obrigado a todos, em especial ao padre Prades e à Irene Elisei. E boa-noite.

© 2023 Fraternità di Comunione e Liberazione.

Foto de capa: © Shutterstock
Fotos internas: © Pino Franchino/Fraternità C